

TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 24 - 1.º ANO

Diretor: PINTO QUARTIM
Propriedade do grupo editor de
O PROTESTO

Publica-se às 5.ªs feiras

Redação e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.º

Editor: SALVADOR P. GONÇALVES

Comp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 87

PREÇO 20 RS.

A ARMA INFAME

Nas atuais circunstâncias, tratar de bombas não é precisamente officio leve, tal é o estado da opinião pública e de tal modo os dirigentes a enganam e utilizam numa obra de repressão cega e injusta.

Os políticos verberam agora unânimes o uso e abuso da «arma infame» — a bomba; mas ao mesmo tempo confessa-se mais e menos, directamente que a responsabilidade dêsse mal cabe primeiramente aos construtores e aos modernos «defensores» da República, como o mostrou a semana passada, no *Protesto*, o nosso amigo Evaristo Esteves. Nem se pretenda que se tratava de outros fins, pois os fins mais nobres e generosos são, para cada um, os que cada um defende.

Os políticos, os grupos amigos do governo, o próprio governo, em nota officiosa, confessam pois a culpa, e ao mesmo tempo condenam com energia a «arma infame» — infame, sem dúvida, porque nas mãos de inimigos partidários — até com argumentos que provam demais, isto é, que condenam também outras armas, as da ordem e as da desordem, pois não nos consta que as granadas vomitadas pelos canhões legais ou rebeldes sobre uma cidade se afastem delicadamente quando encontram mulheres e crianças ou humanitariamente deixem de explodir no meio de vítimas inocentes.

Ora essa condenação não vem antes da nossa. Já os nossos camaradas da *Aurora* mostraram como ela foi manifestada, em suas colunas, há ano e meio, sem protesto algum da parte dos revolucionários sociais — muitos dos quais só conhecem as bombas por as terem visto... no Museu da Revolução...

Nós mantemos, a êsse respeito, a opinião que, entre outros, um revolucionário anarquista, bem conhecido pela sua atividade e ousadia, Errico Malatesta, exprimia em *L'Associazione* há mais de 23 anos, quando a bomba estava em voga. «Lançar uma bomba — escrevia êle — mesmo com risco

de trucidar mulheres, crianças e camaradas, parece a alguns um ato do mais puro revolucionarismo. E o poder da moda foi tal que muitas energias e muitas dedicações se desperdiçaram em atos inconsiderados, cujo dano todos apreciamos.» E depois de dizer que circunstâncias há em que, conscientemente empregadas, as bombas podem ser úteis contra a violência das baionetas e dos canhões, prosegue:

«Mas quando pensamos quão raramente elas surtiram o efeito desejado, e como é maior o mal do que o bem que delas proveio para a propaganda e para o partido, sentimos tentações de amaldiçoar êsse instrumento de guerra e de renunciar absolutamente ao seu emprêgo.

«A bomba é arma eficaz, mas excessivamente perigosa. Ordinariamente, na conoção que em geral se apossa, no momento decisivo, de quem pratica um atentado, *escapa da mão* antes do tempo e lugar oportunos. E ainda quando lançada a tempo e no lugar, fere mais gente e amiude gente muito outra que a que se queria ferir; e por isso, além do dano de causar vítimas inocentes e inúteis, produz no povo um efeito moral oposto ao que se queria atingir. Demais, anunciando se como um perigo indeterminado e ignorado, em vez de escitar o povo á luta, como poderia fazê-lo por exemplo um assalto á mão armada contra as forças do governo, produz o pânico e o terror: os soldados, retidos pela disciplina, mantem-se quietos; a multidão foje, arrastando consigo os próprios iniciadores do movimento, e deixa se fuzilar pelas costas.»

Como se vê, esta condenação é feita sob o ponto de vista revolucionário, bem diverso do que é ocupado pelos governantes e seus acólitos, e parece ser de hoje e pronunciada por nós.

Se tivesse sido usada outra arma nos sucessos dos últimos tempos, os mesmos factos, por mais desastrosos e inúteis que houvessem parecido, não teriam causado a mesma desorientação nem oferecido o mesmo

terreno fácil ás manobras repressivas, de que são bodes espiatorios mesmo os que menos responsabilidades tem nos acontecimentos, na orientação adótada e nos processos usados.

Bombas selvagens e estúpidas, ou alucinadas; bombas desproporcionadas ao fim, ocupando o lugar e obtendo o resultado duma simples pistola; bombas aos cabazes, imprestáveis e ociosas; bombas abandonadas pelos cantos, matando crianças, graças á debilidade moral dos seus detentores, que queriam livrar se delas por qualquer forma; — tudo isso produziu uma atmosfera terrível, uma opinião que condena sem ouvir quem quer que lhe seja apontado pelos de cima.

E como o governo já perseguia há muito os sindicalistas, sendo a perseguição, para a maioria, prova de culpa — «não é por irem á missa duas vezes»; como alguns sindicalistas, não em tal qualidade, mas sob sua responsabilidade de individuos

livres e autónomos, colaboraram no último movimento republicano, justamente por causa das anteriores perseguições; como, com êsse pretêsto, tal movimento foi mal-intencionadamente crismado de «sindicalista»; como, depois da espèta-culosa entrega das bombas pelos grupos de amigos do governo, as outras são facilmente atribuíveis aos sindicalistas — imagina-se a situação em que êstes foram colocados, de injustiça, de ódio e de incompreensão.

Mas de tal situação não é possível abusar indefinidamente para uma perseguição desvairada por parte de quem tem — e confessa publicamente — culpas, que são sem dúvida superiores ás de todos. Para que elas lhe sejam perdoadas, ante a promessa de emenda, não deve mostrar rigores, nem contra os culpados das mesmas faltas, nem sobretudo contra as organizações, militantes e ideias que tais faltas não praticaram.

Factos e comentarios

Saudando

Completo, ha pouco, tres anos de existencia o nosso querido colega portuense *A Aurora*.

Só conhecendo, como nós, a vida dificultosa que os periodicos anarquistas arrastam, é que se pode avaliar o que aquele facto representa de esforços, de sacrificios do grupo de dedicados camaradas que tem sustentado a publicação daquele semanario. Por isso, e pelos relevantes serviços que com o seu jornal tem prestado á causa dos oprimidos e pela boa propaganda libertaria que tem desenvolvido, endereçamos, com um fraternal abraço, as nossas mais entusiasticas e afetuosas saudações aos camaradas que compõem o grupo editor da *Aurora*.

Que lhes não falte audacia, energia convicção e crença para proseguir no belo trabalho de emancipação que encetaram e que tem vindo, com sinceridade e infellicia, produzindo.

Liberdade de imprensa

Continuam as violencias contra a imprensa, apesar do órgão governamental, com um descaro revoltante, estar sempre a afirmar que o governo tem sempre respeitado a lei e garantido os direitos individuais que a Constituição consigna.

O *Diá*, O *Intransigente* e os *Ridiculos* foram mais uma vez apreendidos. Não obstante militarmos em campos muito opostos, protestamos contra o atentado de que foram vítimas.

Como dissemos no nosso número

passado, o nosso semanario *Terra Livre* foi proibido de circular, o que deu origem, como explicámos já, ao aparecimento deste jornal.

A proposito da violencia de que foi vítima a *Terra Livre*, escreve *O Revolucionario*:

«A policia prevenio a tipografia, onde se costuma compôr e imprimir aquele nosso colega, de que não seria permitida a sua circulação no caso de se publicar.

Sempre temos protestado contra as prepotencias e perseguições feitas á imprensa por significarem desprezo pela liberdade de pensamento, que tanto prezamos; agora esse protesto torna-se mais veemente porque não se pode, num regime de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, permitir sem indignação que se proíba a circulação de qualquer escrito quando se ignora o seu conteúdo.

A'quele nosso colega a expressão do nosso sentimento pela injuria feita e á autoridade que a ordenou, o nosso maior protesto proveniente da grande indignação que nos lavra no espirito causada por atos destes que só servem para aviltar a Republica e quem os consente.»

O abandono de bombas

A proposito do *aparecimento misterioso* de explosivos por todos os cantos e *por encanto*, após qualquer movimento em que se pretende envolver os operários, dizia *O Corticeiro* no seu ultimo numero:

«E' verdadeiramente lamentavel o

que está sucedendo quasi diariamente com as bombas que são encontradas por essas ruas e das mais concorridas.

Este abandono de bombas é criminoso á força de ser desumano e fundamentalmente estúpido. As desgraças são constantes e tem só vitimado inocentes creancinhas que fazem esses achados, ferindo-se umas, morrendo outras. Mas francamente causa estranheza que depois dos sucessos de nós conhecidos, e passados uns poucos de dias, ainda apareçam estes instrumentos destruidores, sem que sejam vistos e encontrados pelos varredores e demais transeuntes que por aí sempre caminham com frequência.

Serão as bombas abandonadas por medrosos, ignorando o mal que esse facto pode causar, ou serão postas propositadamente para acurrar ódios e justificar violências arbitrárias de quem nisso possa ter interesse, para conseguir os fins que pretende realizar?

Seja como fôr, o ato é extremamente brutal e urje terminar quanto antes para que finde a série de desgraças, que parece que só estão guardadas para os pequeninos.

Mas que é isto? Esta velhacaria, ou esta ignorancia, é torpemente infame e envergonha quem a pratica.

Um pensamento

D'O Mundo:

«O crime, regra geral, anda sempre ligado á estupidez. Os homens profundamente maus são, de ordinario, homens profundamente estúpidos.»

Óra bem nos parecia que o sr. Afonso Costa não tinha a intelligencia que os seus correlejonarios por aí dogmatisaram.

O direito de crítica

Do artigo «As Bombas», inserto na *Luta* e assinado pelo sr. Brito Camacho:

«Toda a fôrma de govêrno é imperfeita, e prova de estupidez daria quem pretendesse que a nossa República é tão béla como a teria sonhado Platão, uma especie de côrte celestial onde reinasse, imperturbavel e segura, a mais completa beatitude.

Não; a todos deve ser reconhecido o direito de criticarem a República e a sua obra, sem outra restrição que não seja a imposta pela verdade que se demonstra ou se comprova, e pela decencia nos processos de ataque, que tem de circunscrever-se a naturais limites.»

Que em teoria isto è muito bonito, não ha dúvida; pior é na prática. No entanto rejiste-se, para quando o partido unionista fôr govêrno...

A bomba e o canhão

Do sr. Brito Camacho:

«Evanjelizar com a bomba, fazer propaganda com a dinamite, isso nunca. Sobre o modo de sêr da sociedade, toda a discussão é possível; mas não se discute destruindo sistematicamente, estilhaçando o corpo social como se fosse uma pedra, que não pôde sêr utilizada senão depois de a têr desfeito a dinamite

A bomba é um perigo e é uma vergonha; è um crime e é uma ignominia. E' preciso desacreditá-la, cobri-la de opróbrio, proclamar a sua imoralidade, a sua repulsante covardia.—Em nome da defêsa social? Principalmente em nome da dignidade humana, que não é privilégio de neuhuma escola política.»

Estamos plena e sinceramente de acôrdo, mas é preciso que, ao mesmo tempo, se diga que o canhão, a metralhadora, o sãbre e a *Kropatchek* são tambem um perigo e uma vergonha; são um crime e uma ignominia. E' preciso desacreditá-las, cobri-las de opróbrio, proclamar a sua imoralidade, a sua repulsante covardia.

E quem defende o uzo dessas armas e as empréga quer seja contra

supostos inimigos esternos, quer seja contra os operários que reclamam um pouco do tôdo a que léem direito, não tem autoridade, não é sincêro, é ridiculo quando anatematiza por aquela fôrma a bomba.

E neste caso estão todos os politicos, todos os governantes, todos os patriotas.

Milagre de Santo Afonso

Numa recênte assemblêa do Club dos Fenianos, do Pôrto, quando um dos oradôres patenteava a sua devoção ao sr. Afonso Costa, pelo milagre que fez equilibrando *no papel* o orçamento, afirmando — qual *Borda d'Agua* — que no ano económico que vai correr a despêsa do Estado será de tal e a receita de tal, e que haverá, por consequencia, um *superavit* de não sabemos quantos contos, o sr. dr. Duarte Leite, ex-presidente do ministerio, interrompeu-o, esclamando:

—Tambem o Hintze, uma vez, apresentou um *superavit* de 200 contos, e no fim desse mesmo ano, Hintze apresentou um *deficit* de 5:000 contos.

E' o mesmo que ha de succedêr agora, como havemos de têr occasião de vêr, se tivermos vida e saude.

Cúmulo do audácia

Só três grandes *acusações* — dizia *O Mundo*, no dia 26 do corrente—se podem atirar para cima da cabeça do ministerio:—o seu respeito pela liberdade e pela legalidade, etc.

Muito bem. E, para corroborar, apresentamos os seguintes factos: — prisão de operários apênas por sêrem socios da sna associação de classe e por se declararem sindicalistas; encerramento de associações de classe; dissolução da Casa Sindical; apreensão de jornais, detenção ha 50 dias de operários *por suspeita* e ainda sem culpa formada; prisão por suposto delicto de imprensa; proibição de se publicar *A Terra Livre* sem sabêr a materia que o jornal conteria, etc., etc.

Trampolineiro

O sr. Mayer Garção, ontem homem de ideias anarquistas hoje trampolineiro-mór destes reinos, escreve no *Mundo*, nas *Notas á margem*, e na *Capital*, nos artigos de fundo, larachas tolas a que não temos ligado importancia porque não tem «valor moral autenticado com o seu passado» para que as calunias e insultos que lança sobre o movimento operario nos cause outra sensação que a de nausea.

O leitor habitual deste jornal ha-de estranhar em nós esta linguaagem. Mas é que esse individuo irrita-nos sobremaneira pelo contraste entre o seu passado independente e o seu presente de sabujo. Desculpe o leitor. E' uma vez e sem exemplo.

A Reação em França

Solidariedade moral com os soldados castigados por protestarem contra a lei dos 3 anos

A *Terra Livre*, antecessora dêste jornal, resolveu abrir uma subscrição a favôr das familias dos soldados francêses nas condições indicadas.

A quota ficsa é de 20 réis por subscritor e a nossa intenção é apenas levar aos perseguidos de França com a expressão do nosso apoio moral o mais veemente protesto pela arbitrariedade que os vitima.

Transporte, 1\$000 réis.—C. Alta-vila, Ferreira Quartel, José Nunes Ce-bôla, Manuel Farrapo, Antonio Faria, Carlos Silva, José Maria Clemente, Manuel Benith, Carlos Antunes, Enrique Pereira Trindade, João Gonçalves Tormenta, Raul Magalhães Coutinho, Manuel d'Azevedo, Carlos Rates, A. Ervaques, Sobral — 15 × 20 = 300 + 1\$000. — Soma, 1\$300 réis.

PORQUE ESPERAMOS?

Fêz no outro dia, a 10, um mês que á passagem do cortejo civico na rua Nova do Carmo, mão desconhecida lançou um petardo para o centro dum grupo de operarios que reclamavam num negro peidão, *Pão ou Trabalho!* Até hõje, depois de estiradas pesquisas, ainda não foi possível descobrir o autor desse abominavel ato apesar dos constantes protestos do proletariado conciente que se não fia já em mentiras aquitêtadas para levar a desorientação ao nosso campo e concitar o odio das classes produtoras menos ilustradas, ajitando-lhes ante a sua natural pasmaceira o sindicalismo e o anarquismo como fâtôres principais da desordem e do crime...

Após o atentado, nas rejiões officiais chamadas, ligava-se grande importancia á detenção do desgraçado rapaz condutor da bandeira, mas até agora ainda não transpiraram dos arcanos da argúcia policiesca os seus *esmagadores* depoimentos, e mesmo porque um tétano veiu abreviar-lhe os dias de vida.

Provado está, de há muito que este acontecimento, tão explorado pela imprensa burguesa, podia agradar a todos os que, politicamente, desejam subir á custa de atos que lhe servem de ótima escaleira; todavia aos sindicalistas e anarquistas êle só veiu fazer mal, porque dada a ignorancia de uns e a má fé de outros, era muito natural arcarem com as suas responsabilidades morais, pelo menos. Quem lucrou com isso, porém, foi o govêrno do sr. Afonso Costa, porque o petardo foi um escelente pretêto para prender a esmo os principais militantes do sindicalismo e dissolver a união dos sindicatos operarios da capital.

Primeiro, envolviam-se os sindicalistas como autôres do atentado; mais tarde, convencidos que este estafado *truc* já não conseguia iludir ninguem de senso, vá de apresenta-los como propagandistas, pela palavra e pela escrita, de crimes, incendios e roubos, finjindo desconhecer o que pretende e para que serve a organização sindicalista. Fiquem sabendo *todos* os patriotas que, apesar de todas as perseguições, de todas as ilegalidades, de todas as torpêsas inventadas adrede para dismantelar a forte união proletariana que dia a dia se acentua mais resistente, essa organização caminhará angariando novos alentos, recrutando mais combatentes entre os desiludidos das promessas jámais cumpridas, a três anos de mudança de instituições.

Não precisâmos ir lá fóra buscar exemplos para comprovar que a opressão, o terror, só trazem a revolta imediata da-

quêle que se pretende amordacar. Peguêmos na história portuguesa dos últimos vinte e cinco anos e ela nos fornecerá bastos ensinamentos.

O sr. Afonso Costa, idolo de ontem e ditador de ôje, persiste em manter encerrados nas masmorras da República, os nossos camaradas que já de há muito se não fiam nos artificios de que os politicos lançam mão para iludir o povo. E essa teimosia do presidente do ministerio, além de depauperar fizica e intelectualmente os nossos camaradas, leva a miseria e a fome aos seus lares desprovidos de pão e de quem lho angarie!

Perante esta angustiosa situação que faz o proletariado português? Continúa de braços crusados á espêra dum favor dos homens do poder? ou capacita-se da sua força e ezije a imediata soltura de quem nada tem que vêr com um ato praticado por qualquer demente ou revoltado?

E' preciso que as classes trabalhadoras se preparem para mostrar mais uma vês a sua forte organização, que não recua diante das quixotescas ameaças do sr. Afonso Costa e dos seus correligionarios; essa forte organização que calçou com o maior ridiculo os decretos das cadernetas profissionais e da ajencia oficial do trabalho, deve organizar quanto antes um grande protesto contra as prepotencias governamentais, interessando nêle todos os operarios quer da cidade quer dos campos. Clamêmos bem alto a nossa revolta contra as prisões de irmãos nossos, prisões estas que só se justificam pelo desvairemento que ha muito tempo se apoderou dos arraiais politicos.

Continuarmos alheios de tudo isto, é provar a cobardia mais miseravel que conceber se possa.

E' preciso agir enerjicamente mas concientemente, pois que o contrario seria o nosso suicidio moral. A organização sindical é forte, porque se espera?

Lembre-mos que há desênas de companheiros nossos, espalhados por esse país em fóra, em prisões infêtas, sacrificados pela emancipação da classe trabalhadora, por pugnares pela Verdade e pela Justiça, apelando para a nossa solidariedade neste momento angustioso.

Interessêmos, tambem, na nossa causa todas as pessoas despidas do faciosismo politico que degrada, essas pessoas que amam a liberdade acima de tudo.

Porque nos quedâmos silenciosos, pois?

Ái fica o nosso protêsto e que cada classe, cada trabalhador cumpra o seu dever de explorado.

Rui Forsado.

Além das fronteiras

Solidariedade internacional

De toda a imprensa revolucionaria internacional eleva-se um protesto energico e viril contra a tirania que atualmente esmaga o operariado português

Varios jornais estrangeiros secundam indignadamente os protestos dos nossos jornais contra a perseguição á imprensa, aos operarios sindicalistas e aos anarquistas e contra a guerra á organização operaria que entre nós se está fazendo encerrando-se grande numero de associações.

Esses jornais comentam violentamente tal situação que muito pouco depõe contra a natureza desta jóvem republica.

Tierra y Libertad, o importante jornal anarquista de Barcelona, volta a referir-se, no seu numero de 23 de julho, aos sucessos de Portugal terminando o artigo, que publica, com este grito:—Abaixo a tirania republicana portuguesa!

Volontá, o esplendido semanario anarquista de Ancona, no seu numero de 13 de julho, tambem se refere á perseguição aos militantes dos modernos ideais e á situação do operariado português, sem direitos, sem garantias, sem liberdade de imprensa, de reunião e de pensamento.

Igualmente *Cronaca Subversiva*, o hebdomadario anarquico de propaganda revolucionaria que ha onze anos vê a luz da publicidade em Lynn, Mass, se ocupa da opressão que em Portugal esmaga o operariado e os que preparam a Humanidade para um futuro social conforme os interesses, a felicidade e o bem estar de todos os seres humanos.

No Brasil, *A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operaria Brasileira, consagra o lugar de honra do seu numero correspondente a 15 do mez passado ao *terror em Portugal*. O artigo tem algumas inequidades proprias de quem conhece os acontecimentos atravez dos relatos dos jornais ou das informações dos correspondentes. Mas essas inequidades são apenas em pormenores de pouca monta. O fundo, a ideia geral do artigo é, porém, verdadeira, e dele reproduzimos estes ultimos periodos:

«As últimas notícias que nos chegam de lá, truncadas e incompletas devido á censura telegráfica, relátam-nos que durante o trajeto de um cortejo realizado em honra da memória de Camões, houve a intervenção dum grande grupo de individuos que arvoravam uma bandeira negra onde se liam as palavras: «Pão ou trabalho».

O facto provocou grande tumulto no meio do qual estourou uma bomba de dinamite. Houve alguns mortos, feridos e prízões de sindicalistas. A Casa Sindical fôra assaltada, sendo destruidos seus móveis.

Suponde agora qual será a situação das classes trabalhadoras em Portugal!

Atentai que este ultimo acontecimento vai dar ocasião a que se pratiquem maior numero de violencias por parte do governo. Serão mais prízões, mais deportações, mais jornais apreendidos.

Confrontemos as promessas dos republicanos da propaganda, hoje chefes do governo, com o que atualmente está acontecendo.

Hoje a opressão e a violencia impéram mais do que nunca.

Diante destes factos é impossivel deixar um ser humano de sentir em si a revolta e a indignação.

Lancemos daqui o nosso veemente protesto contra tantas infamias e enviemos aos nossos irmãos dalém mar, neste momento angustioso, o nosso brado de solidariedade.»

La Bataille Syndicaliste, de 25 de julho, reproduzindo integralmente o apêlo publicado em francês no n.º 23 de *Terra Livre*, antepõe-lhe as palavras abaixo traduzidas, subordinando-as aos seguintes titulos e subtítulos: «Os republicanos portugueses não valem mais do que os republicanos franceses—Por terem desprezado o principio da luta de classe, os trabalhadores portugueses fizeram um negocio de simplórios, (tradução livre: foram vitimas dum conto do vigário) vertendo o seu sangue para estabelecimento duma republica burgueza.—Hoje são perseguidos.»

Em seguida, o belo diario sindicalista de Paris escreve:

«Dos telegramas de agencia que recebemos, e que são submetidos a uma rigorosa censura, podemos deduzir que de novo acaba de se dar em Lisboa um movimento revolucionario contra o governo do sr. Afonso Costa. Desde que este triste personagem chegou ao poder, não fez senão eliminar, uma por uma, todas as liberdades; a ponto de hoje, em Portugal, se imaginar a gente reconduzido aos tempos da monarchia.

Parece ser deste modo que o sr. Costa quer recompensar o esforço que o povo português fez para sacudir o jugo monarchico que, havia seculos, o mantinha no obscurantismo.

Todas as tentativas revolucionarias que se produziram desde a proclamação da republica, fracassando todas, não passam de movimentos puramente politicos, organizados por fracções do partido republicano momentaneamente afastadas do bolo do poder.

Entretanto, de cada vez, não deixaram os governantes de acusar os

sindicalistas de tomarem parte neles, assim como nas poucas tentativas de restauração monarchica, o que nunca foi provado, apesar das repetidas intimações dos mesmos sindicalistas. Este facto vai certamente renovar-se, tanto mais que ha atualmente na cadeia oito militantes sindicalistas que não se sabe de que acusar.

Esses camaradas foram detidos logo após a explosão da primeira bomba desta série,—pois em Lisboa é por séries que as bombas estalam.

Como diziamos em nosso numero de 16, o processo desta bomba foi encerrado sem que nele tenham sido inculcados esses camaradas, por absoluta falta de culpabilidade. São todavia mantidos na cadeia, talvez na esperança de poderem ser responsabilizados por alguns novos acontecimentos.»

No Brazil

A missão operaria na Legação Portuguesa

O nosso amigo e correspondente Santos Barbosa, em carta datada de 30 do mez de junho, narra assim o que se passou entre o sr. Bernardino Machado, ministro plenipotenciario da Republica Portuguesa nos Estados Unidos do Brazil, e a missão operaria delegada da Federação do Rio de Janeiro que foi protestar, junto do representante do sr. Afonso Costa, contra as violencias e perseguições de que estão sendo vitimas os operarios em Portugal.

«Poucos minutos esperámos por s. ex.ª numa pequena sala acompanhados de um empregado da Legação.

«Não diziamos palavra. Limitavamos-nos a passar os olhos pelos quadros que estão dependurados na parede, com fotografias de alguns edificios de estilo manuelino.

S. ex.ª chegou. Levantámonos para o cumprimentar. Recebeu-nos democraticamente, em carater todo familiar.

A Federação Operaria enviára ao sr. ministro uma moção de protesto, o que mereceu de S. ex.ª um convite pessoal para que fossem á sua residencia alguns membros da Federação, cuja existencia s. ex.ª ignorava.

A Federação officiou-lhe aceitando o convite por este ter sido feito oficialmente. O sr. Bernardino porem, não respondeu á primeira moção. As violencias afonsistas continuavam. A Federação resolveu enviar a s. ex.ª outra moção mais energica que deveria ser lida em sua presença por um dos membros da comissão nomeada para ir á sede da Legação. Escreveu-se a moção e ao anoitecer do ultimo domingo de Junho, a comissão partiu em demanda do bairro das Aguas Ferreas onde, num confortavel e soberbo palacete, se achá instalada a sucursal mór do sr. Afonso Costa, no Brasil.

—Eu não officiei á Federação Operaria, por ignorar a sua sede; e sinto-me bastante satisfeito em vel-os aqui...

O sr. ministro não falava a verdade; no officio que a Federação lhe enviara, ia mencionada, no envelope, a sede em que funciona.

Depois de lida a moção pelo camarada secretario geral da Federação, s. ex.ª manifestou-se favoravel ás ideias nela espostas, «que tem o dever de respeitar»; sobretudo a parte da moção em que diz *dever-se em grande parte ás classes trabalhadoras o advento da republica*. S. ex.ª acrescentou que se achava incomodado com as violencias, mas o que não concordava era com a ameaça que a Federação lhe fazia.

Aconselhou-nos a não darmos crédito aos telegramas que daí veem, que julga obra escluziva do «nosso inimigo comum» o *monarquiclero*.

Fizemos sentir a s. ex.ª que não éra pelos telegramas que nós resolveramos agir. Conheçiamos a *lojica* de todos os governos, e além disso recebiamos jornais *nossos*, de Portugal, e detalhadas informações do operariado portugueses com quem nos encontramos intimamente relacionados.

Nesta altura s. ex.ª mudou de... assunto. Falou-nos sobre o dever para com a patria, chegando a afirmar que em Portugal não existe militarismo, porque o militar *apenas aprende a defender-se do animal homem*. Veio isto ao cazo por ter eu respondido a uma pergunta sua, dizendo que não voltava tão cedo á *minha patria* por ter sido sorteado para artilheiro e que, no cazo de uma invazão estrangeira, íria *defendê-la*... no interior do paiz, selá me encontrásse *livre das correias*.

O maior interesse do sr. Bernardino Machado é a conciliação da colonia, para cujo fim diz ter aceitado o cargo que representa, e que para ajudal-o no cumprimento da missão conta com o apoio das classes trabalhadoras, pelas quais sempre se interessou, e principalmente dos portugueses aqui domiciliados.

Apenas mostramos a s. ex.ª que se é um tanto difficil conseguir a fuzão da colonia, muito mais difficil isso se torna, continuando o governo republicano a cometer as violencias que resolveu adotar desde a grêve geral de 31 de Janeiro.

—Eu já escrevi ao meu governo e espero que dentro de poucos dias tudo cessará, disse s. ex.ª.

O sr. ministro mostrou-se tambem muito satisfeito por saber que em sua presença se encontravam quatro anarquistas: dois brasileiros e dois portugueses.

A palestra durou quasi uma hora. Uma filha do sr. Bernardino veio chamal-o. Levantamo-nos, para nos retirar.

—Nós ajiremos de acordo com a nossa orientação sindi-

calista, disse o camarada secretario jeral.

— Conheço as suas ideias— respondeu o *nosso* futuro embaixador. Eu tambem sou favoravel á ação sindical mas entendo que os senhores devem pôr no parlamento deputados operarios...

— Banimos toda e qualquer intervenção estadista—atalhou o mesmo camarada.

— Sim, sim, cada um com as suas ideias; opinou s. ex.^a sorrindo. E dirigindo palavras de afeto a mim, ao outro camarada portuguez e aos dois brasileiros, apertou-nos a mão, despedindo-se de nós outros com a mesma amabilidade com que nos recebera.

Nota interessante. O sr. Bernardino Machado agradeceu-nos a solidariedade do opera-

riado daqui para com os companheiros portugueses, afirmando que esse nosso jesto muito o penhorava. Admirou tambem a corajem e a franqueza com que espuzemos as nossas ideias.

Mas... o dr. Bernardino Machado é um ministro plenipotenciario. E' o representante de um governo despotico junto a outro não menos violento. Por isso, apezar de toda a democracia e familiariedade com que nos recebeu, não podemos deixar de julgar-o, no campo da luta social, um adversario comum. S. ex.^a é um diplomata: nós somos trabalhadores. Nós representamos o trabalho, a vida da sociedade que nos esmaga: s. ex.^a representa a ociozidade e é um membro responsavel pelos crimes dessa mesma sociedade."

Moralidade democratica

Presos sem culpa formada

- "Soltem-se"—ordena o juiz de investigação criminal — "porque não têm responsabilidades na explosão da bomba do dia 10 de junho."
- "Deixem-se estar detidos porque eu assim o quero" — ordena o presidente do ministerio.

Onde está a independencia dos poderes do Estado que a Constituição do país consigna?

Aos dois factos que já aqui apresentamos comprovativos de que a detenção dos doze sindicalistas sob a suspeita de instigadores ao atentado do dia 10 obedece a um simples capricho do chefe do governo, vimos hoje juntar outros que, se não teem a importancia daquelles, servem no entanto para os corroborar e atestar a sua veracidade.

Antes porem, convem lembrar que no dia 11, alem dos individuos que ainda se conservam presos, outros tambem o foram sob a mesma suspeita de instigadores, tendo formulado as mesmas declarações e que no entanto foram postos em liberdade.

Dentre esses, o operario socialista-reformista Agostinho de Carvalho, para quem o sr. dr. Alfeu da Cruz assinara ordem de soltura, e que só ao cabo de uns dez dias viu efetivada essa ordem mediante aviso do comandante da policia. Quer isto dizer que o sr. comandante da policia só ao fim de dez dias poudo dispor dos dois minutos necessarios para confirmar a ordem do juiz, vendo-se, por este simples facto, a pouca consideração que a liberdade individual merece ás autoridades.

Constantino Martins, tambem operario, socialista, sobre quem pesava a *tremenda* acusação de ter falado numa reunião em que usaram tambem da palavra alguns dos ainda detidos, removido para o Limoeiro, apoz

sete dias de governo civil, foi no dia seguinte á sua entrada naquela cadeia, procurado pelo chefe da policia especial reservada João Borjes e pelo socialista Martins Santareno, administrador e proprietario da Casa do Povo, que o levaram em liberdade, declarando o Constantino Martins que dentro de oito dias todos os outros seriam tambem soltos. Assim o havia garantido— disse— o agente da privada João Borjes.

E enquanto estes, Fernandes Gomes e outros eram postos em liberdade, Pinto Quartim recebia comunicação da Associação do Rejisto Civil de que muito em breve seria solto e da Associação dos Trabalhadores da Imprensa de que na policia tinham-lhe garantido que na quarta ou quinta-feira, isto é, no passado dia 2 ou 3 do mês que hoje finda, aquele seu consocio seria posto em liberdade porque nada havia contra ele ou contra os outros que justificasse a sua detenção. Porem, Pinto Quartim ainda se conserva preso a esta data!

O mesmo sucedeu a José Maria Gonçalves a quem foi mostrada uma carta de um alto funcionario da policia dirigida a um seu amigo republicano historico, carater impoluto, dum probidade pouco vulgar neste ambiente politico e que espontaneamente se interessou por aquele nosso camarada, na qual se afirmava que José Maria Gonçalves sairia quarta-

feira, 2 procimo passado.

Como Pinto Quartim e os outros camaradas, José Maria Gonçalves é dos que foi condenado pelo sr. Afonso Costa a prisão correccional sem mais forma juridica!

Quer dizer; o poder judicial, independente do poder ezeutivo, como determina a Constituição da Republica, não tem o direito de intervir, porque o sr. Afonso Costa, arbitro supremo dos destinos da nacionalidade portuguesa, absorve todos os poderes, julgando e condenando *in absolutum*.

Aspétos

Evidentemente soffoca-nos uma atmosfera de incertezas: todos, no intimo da nossa consciencia, sentimos um vago receio pelo amanhã.

E o mal estar é geral; ninguém se sente bem: cada um é forçado a reconhecer que a fantasia de um *superavit* orçamental não corresponde á mais parcimoniosa melhoria economica; e o povo que trabalha, e produz essa riqueza material que nos assombra, e que não conseguiu categorisar ao lado dos tubarões jacobinos, agonisa em horrivel miseria. Só em Lisboa 40.000 crianças vagabundeiam a disputar aos gatos e aos cães vadios os despojos dos caixotes do lixo. E' o jornal de grande informação que o diz e que deve acrescentar-lhe alguns milhares de velhos andrajosos esmolando a caridade publica. Em Lisboa o quadro é triste, mas pelas provincias as suas cores são mais negras e a miseria é mais intensa. A estatistica de imigração é disso uma prova concludente, embora se pretenda encobrir dando-lhe como causa diversos factos.

Essas lérias financeiras, louvadas em varios tons nos jornais de grande informação, de cá e do estrangeiro, e que devem ter custado bem boa soma de escudos, como se disia em igualdade de circunstances nos tempos idos, não evitaram que de norte ao sul do país, das ilhas e das colonias, nos cheguem os ecos lancinantes dos esfomeados, pedindo pão.

Poucas vezes, felismente, a historia nos rejista factos semelhantes.

A nossa vida economica foi, e não podia deixar de ser, agravada pelas leis tributarias, embora com subscrito só para os ricos, no dizer do famoso financeiro que se esqueceu da sua reflexividade. Se a estes factores de ordem politica juntarmos factores de ordem natural, com os quais nem sempre contamos, temos que nos espera infalivelmente um quadro nada animador, de que mal nos apercebemos das suas consequencias.

Os povos dormem na sua

grande inconciencia e só revivem nos seus grandes centros de população e de atividade: fóra de aí ha só o braço que trabalha, ha o homem maquina.

Lisboa é o cerebro que pensa; e esse cerebro ajita-se em timidos borbullhões de revolta, que são irrefutaveis sintomas desse latente mal estar, que bem nos póde condusir hoje, amanhã, quem sabe? aos horrores duma revolução purificadora.

O poder tem a força que esmaga e turtura os videntes da igualdade economica; que sonham no bem estar da humanidade e que concebem, no seu grande espirito de justiça a sua realização; mas o poder não tem a força da razão, que é a força que se não vence a tiros, e por isso, ele ha-de, por mais que aperte as gargalheiras do despotismo, ser vencido e esmagado por ela.

Se não louvamos essas humildes tentativas revolucionarias, por que pressentimos o prazer da vingança aflorar nos labios dos deuses sorrisos de gosos tigrinos, pela posse das vitimas emoladas á ferocidade capitalista que rejubila na certeza de dilatar o seu predomínio, é tambem certo que, no profundo sentimento do nosso imenso amor pelos que em todos os tempos se votam ao sacrificio pelo bem dos seus semelhantes, só os podemos lamentar.

Todos os principios politicos, todos os idiais tiveram os seus martires. A estrada da evolução e do progresso está juncada deles; e os de hoje, tão dignos como os do passado, merecem a nossa consideração e estima e nada nos importa que a turba ignara, fazendo côro com os homens do poder, vociferem contra eles todos os rancores das suas almas putridas e nauseabundas.

Que tudo teve maus começos, é certo; e os ventos de insania, de odios e calunias que semearam, distanciando o povo do seu caminho, que com sinceridade acompanhava os que agora são seus verdugos, só pode reproduzir-se em ondas tempestuosas. E' de todos os tempos.

Ismoelita.

Sob as mãos de César

Depois da ultima investida contra a *Terra Livre*, donde resultou a sua inapplicavel e absurda suspensão, não tem cessado um momento sequer a vijilancia policial por intermedio dos seus argutos e perspicazes representantes.

São sombras que nos perseguem na ancia de vêr, de observar de advinhar os atos, de descobrir d'onde saí o jornal, quando saí e para onde saí.

De volta aos dominios de Néro, em pleno seculo XX, não nos assustam, porem, as arenas de Roma, nem os punhais cobardes de desleais gladiadores.

Temos como nossa a vitoria, animamos a fé de que a derrocada ha de arrastar-los a eles não a nós, e deste modo teimamos em persistir na brécha, atentos, vijilantes, intemeratos sempre.

Entre ferros da Republica

O ESTERMINIO DOS SINDICALISTAS

Abram-se as prisões aos propagandistas que ali se encontram sem culpa formada, reabram-se todas as associações operarias e acabe-se com a suspensão arbitraria dos jornais,

eis o que reclamam, em unissono e de todos os pontos do país, a imprensa independente, o operariado, os elementos avançados e os sinceros republicanos respeitadores da lei das e liberdades constitucionais.

As perseguições aos operarios e aos avançados, continuam. O sindicalismo é, decididamente, a cabeça de turco em todos os dissabores que o chefe do actual governo tem sofrido e está sofrendo. Todas as manifestações de desgosto do povo pela forma autocratica e tiranica de governar do sr. Afonso Costa, pretendem-se lançar sobre os operarios sindicalistas.

O comicio da Rotunda, em que cincoenta mil pessoas aprovaram uma moção reclamando a abertura da Casa Sindical e aplaudiram, com extraordinario entusiasmo os oradores não arrijimentados ao partido democratico, foi um comicio de sindicalistas—disse-se logo.

O movimento politico republicano de 27 de abril que tinha por fim correr das cadeiras do poder, por uma forma violenta, o sr Afonso Costa, pretendeu-se tambem insinuar que era obra dos sindicalistas.

A explosão da bomba da Rua Nova do Carmo, ainda envolta em grande misterio, mas que, na pior das hipoteses, não foi senão um episodio da luta travada entre o grupo de individuos portadores da bandeira negra e a policia que embirrou em não deixar proseguir o grupo no cortejo camoneano, foi logo explicado como um *atentado* proveniente de um *complot* sindicalista.

Os acontecimentos da madrugada de 20, inicio de um movimento politico que abortou talvez por mal organizado e que era uma sequencia do pretendido golpe de estado de 27 de abril, são tambem atribuidos aos sindicalistas por, entre os revoltosos, se ter encontrado uma dezena de operarios que seguem a tatita sindicalista e que individualmente quizeram prestar o seu concursso a esse movimento que, uma vez triunfante, abria imediatamente, de par em par, as portas da prisão a todos os operarios vitimas do despotismo vermelho.

E ainda agora, atribuem-se aos sindicalistas os incendios de searas que se teem dado num logarejo do Alentejo, incendios que já eram vulgares no tempo da monarchia e que em geral teem a sua causa em vinganças pessoais.

E como de cada vez que a insidia se espalha, se prendem operarios sindicalistas, resulta que nas cadeias desta jóvem Republica cada vez mais se comprimem os presos por questões sociais; e para que as vitimas não protestem, não possam dizer da sua justiça, não desmascarem os farçantes e não revelem e desmanchem o seu jogo, fecham-se as associações e apreendem ou proibem a circulação dos jornais.

E assim é que *Terra Livre* foi impedida de circular porque ao governo não convem que o publico conheça a sem razão das prisões que ha mezes se mateem sem culpa formada, como aquele nosso colega, temporariamente suspenso, vinha demonstrando e que *O Protesto*, seu sucessor e seu substituto, continuará demonstrando, ouvindo para isso as declarações das vitimas.

Fala José Nunes Cebola:

—Tendo eu recebido um officio do sr. administrador do concelho de Almeirim com um manifesto em que se referia a uma resposta do «marechal de ferro» ao sr. Brito Camacho, sobre os bens das congregações religiosas, para aficsar numa das salas da associação, fui mais tarde chamado a administração onde o sr. administrador me perguntou se o tinha feito. Respondi-lhe que não, porque nós não queriamos saber de politica. O sr. administrador retorqui-me que tinhamos que querer saber, para bem da nossa patria. Respondi-lhe que não queria saber da

patria. Ele, então, levanta-se da cadeira e diz:

—Você não tem vergonha de dizer aqui que não é patriota?!

—Não; porque a patria é só bôa para aqueles que nada fazem, nada produzem e que vivem dos sacrificios dos que trabalham.

Eu, que trabalho e que nada tenho, não sou patriota.

—Então, tambem não é republicano? perguntou-me o sr. administrador.

—Não senhor, respondi-lhe.

—E se a republica perigar?

—Pegarei em armas e irei defende-la.

—Então não tem ideias politicas?

—Não senhor.

—Pois devia tel-as, porque o sr. Afonso Costa é o homem que mais pugna pelos interesses das classes trabalhadoras.

Em seguida mandou-me retirar. Passados alguns dias, mandou novamente chamar-me e entregou-me um officio, do sr. ministro do interior, em que se ordenava o encerramento da associação, intimando-me a acompanha-lo á respectiva séde, seguidos de dois guardas, e ali dei contas de tudo, chamando testemunhas para tais factos. A' noite, na rejedoria, foi tudo fechado e para a sede da associação partiram guardas que lá estiveram alguns dias e noites, sendo o tesoureiro intimado a entregar o dinheiro, que tinha em seu poder, no prazo de 24 horas.

Tudo isto se passou no dia 2 de Abril. No dia 3 estive no congresso, em Evora; e no dia 6, em Alpiarça, recebi uma circular para ir a uma reunião que se realizou para eleger as comissões da junta da parquia e municipal democraticas, onde alguns democraticos me disseram que se aderisse ao seu partido seria reaberta a associação.

Não aceitei: queimei alguns foguetes, com ordem do rejeedor, e os trabalhadores não foram á reunião. Fui preso no outro dia e conduzido a Lisboa, onde estive 9 dias. No dia 2 de junho paralizamos o trabalho, e fui ate Vale de Cavalos onde me constou estar igualmente paralizado o trabalho, o que averigui ser verdade. Por lá andei até á noite, mas á tarde, estando todos juntos, resolvemos dizer aos nossos camaradas o que significava aquele dia.

Realizamos uma reunião, em que falei, dizendo o seguinte:

«Apezar das autoridades me terem andado perseguindo e me terem já metido numa prisão em Lisboa, por não querer ser democratico, não deixarei de estar ao vosso lado, isto é, ao lado de todos os que vivem escravizados como nós, trabalhadores rurais, que trahamos de manhã á noite para ganharmos 240 réis, que não nos chegam para a nossa alimentação, quanto mais para a da nossa familia. Não temos instrução, porque não podemos mandar os filhos á escola, e vivemos na miséria. Mal eles comecem a andar, empregamo-los nos serviços rurais, para, com os 60 ou 80 réis que eles ganham, termos mais um pão, e assim nos sucedeu a nós, e hoje, que já conhecemos que nos roubaram a educação, não devemos consentir tal para os nossos filhos. Mas, camaradas aqueles que nos querem emancipar, metem nos numa prisão. Assim teem feito neste ultimo governo de Afonso Costa que tem feito a maior perseguição a operarios enchendo as cadeias, roubando a liberdade a

muitos trabalhadores, liberdade que ele tanto apregoava no tempo da outra senhora. Mas hoje, aqui reunidos, protestemos contra a prisão desses nossos camaradas.»

No dia 17 fui chamado á administração do concelho juntamente com alguns camaradas, sendo eu o primeiro a ser interrogado pelo sr. administrador:

—O que foi fazer a Lisboa?

—Fui assistir á chegada do dr. Antonio José d'Almeida.

—Mas levantou dinheiro da associação?

—Não sr.; o dinheiro estava em poder do tesoureiro.

Então, tirou um livro das nossas contas, que já estava roto de tanta mão que correu, e viu a ezatidão do que afirmei.

—Porque fechava v. os officios com «saude e revolução social».

—Pela mesma razão que outros o fazem.

—Fica detido ás ordens do sr. governador civil, e chamando um official, mandou-me conduzir á prisão. Mas depois mandou-me conduzir a outra prisão, que fica por cima, mas o official, por engano, levou-me á sala onde estive alguns minutos, e ouvi ele interrogar uma testemunha a quem d'zia ameaçadoramente:

—Ou você afirma isto que eu lhe digo, ou então é reu e vai para a cadeia.

O que fez, metendo, durante 24 horas, dois camaradas que lhe não fizeram a vontade, e eu estive incomunicavel trez dias. Depois levaram-me a minha casa, deram-me busca a tudo e levaram-me os livros e as cartas que encontraram, sendo eu conduzido a Santarem, onde estive 28 dias incomunicavel, até vir para Lisboa, onde atualmente me encontro preso na cadeia do Limoeiro.»

«Como foi resolvido no congresso dos trabalhadores rurais em Evora, os trabalhadores rurais de Alpiarça não trabalharam no dia 2 de junho, em sinal de protesto contra as prisões arbitrarías de camaradas por questões sociais.

A's 13 horas, um grupo de camaradas resolveu ir visitar os de Vale de Cavalos, para onde partiu imediatamente. Tendo eu conhecimento do caso, parti para ali duas horas depois, onde os fui encontrar na melhor ordem, em companhia dos camaradas de Vale de Cavalos.

Fui convidado a falar num comicio publico que se ia realizar, protestando contra as prisões de camaradas nossos e encerramento de varias associações legalmente constituidas, convite este que aceitei.

No dia 19 de junho fui intimado a apresentar-me no dia imediato na administração do concelho. Comparecendo ali, o administrador perguntou-me:

—Tambem foste a Vale de Cavalos? Fôste que estás aqui

acusado no depoimento que fez o João Matias. Então o Cebola chamou ladrão ao sr. dr. Afonso Costa?

— Não senhor.

— Mas o Cebola não disse que se o povo vivia mal era devido aos muitos impostos com que estava sobrecarregado?

— Não me lembro, mas, se de facto o dissesse, não era chamar ladrão ao sr. dr. Afonso Costa.

— E tu o que disseste?

— Espliquei o motivo porque foi encerrada a nossa e outras associações e o motivo porque estão presos 8 trabalhadores de Alpiarça e muitos outros do Alentejo.

— Quem foi o promotor do comício?

— Não sei ao certo, mas parece que foi João Matias.

— Tu tens sido secretário da associação, não é verdade? Deves saber o que nela se tem passado.

— Perfeitamente.

— A quem cabe a responsabilidade de estarem associados dois rapazes que são menores?

— Não sei, quando fui eleito secretário, já os lá encontrei.

— O Cebola fazia propaganda evolucionista dentro da associação?

— Não senhor.

— Mas eu encontrei umas cartas comprometedoras.

— Sim, pode ser, naturalmente eram cartas particulares, com o que a associação nada tinha.

— Quem eram os propagandistas que foram á associação fazer propaganda revolucionária?

— nenhuns.

— Então não foram lá Manoel Afonso, Ferreira Quartel e Carlos Rates?

— Efetivamente foram, mas fizeram propaganda associativa ou sindicalista, e não revolucionária.

— Tu é que distribues os jornais?

— Sim, senhor.

— Quais são os jornais que tem preferencia na associação?

— Perferíveis são eles todos.

— Mas vocês não preferem mais que nenhuns o *Sindicalista*, a *Terra Livre*, o *Germinal* e o *Trabalhador Rural*?

— Sim, não ganhamos o suficiente para podermos comprar todos os jornais. Compramos só aqueles que mais nos convem.

— Tua mãe sabe onde tens a correspondência?

— Sabe, sim senhor.

— Vou-lhe mandar dizer para a vir trazer, afim de evitar de la ir passar busca á casa.

— E eu?

— Tu ficas mais um dia, para averiguações.

Fui metido na prisão, e passadas 48 horas, lá estavam dois policiaes que me trouxeram para Santarem, internandome num calabouço da esquadra onde permaneci 24 dias inco-

municavel com a promessa de me porem em liberdade.

Finalmente trouxeram-me para o governo civil de Lisboa onde estive 9 dias, e dali para o Limoeiro onde me encontro prefazendo a bonita soma de 38 dias sem saber de que sou acusado!"

O que diz a imprensa

Nesta epoca que vamos atravessando de perseguição ás classes trabalhadoras como nunca houve em Portugal, tem-se destacado pela sua indiferença, pelo seu mutismo, o partido socialista português. Não dizemos bem: a simples indiferença do partido socialista pelo que com os operarios se está fazendo, seria já bastante censuravel e lastimavel. Mas o partido socialista vai mais longe: nos seus centros e nos seus jornais não se cansa de malsinar os trabalhadores perseguidos e por este simples facto: por esses trabalhadores não serem socialistas, mas sindicalistas. Por isso, o artigo que n' *O Intrepido*, periodico socialista da Covilhan, encontramos firmado pelo seu diretor, o companheiro José Ramalho, impressionou-nos agradavelmente e não resistimos ao desejo de o transcrever na intrega pelo muito que ele significa e como testemunha do nosso apreço pela sua nobre attitude.

Ei-lo :

«Basta de enercia ! Sejamos solidarios. Tal é o grito que do nosso coração é espendido aos labios, nesta hora em que na nossa mentalidade se desenrola, como uma aluvião enorme, todas as fases porque atualmente estão passando as classes proletarias.

Supõem-na um grosso exercito, que, sem armas nem escudos, vae avançando vertiginosamente, mas todavia paralisa a cada passo dado com vontade, a alcançar a meta dos seus desejos, o caminho da emancipação social, o ideal que nos torna a todos destemidos e ousados combatentes. Com certeza que em cada operario comprehendedor dos seus deveres está um acerrimo propagandista da mais san democracia, mas na sua garganta é afogado o seu grito de repulsa por todos aqueles que, valendo-se dum poder despota e tirano, lhe tira todas as suas mais minimas regalias.

A coerencia deixou-se a traz da porta da secretaria para onde, numa hora lugubre, o povo os fez entrar, conscio de que nisso ia o bem estar.

— O povo é analfabeto, ignora que não é assim de repente que se transforma um estado caotico, mas as cadeias abrem-se para dar ingresso aos que andam em procura do desbravamento da terra que todos achamos mal arroteada. Se por outro lado a sua imprensa, vem cá para fóra a lamentar-se, com frases amargas, de todo o mal que propositadamente lhe causam aqueles que em outros tempos lhe aproveitavam todos os seus movimentos, ainda aqueles que de forma alguma poderiam ser desvirtuados, suprime-se e arremessa-se para á masmorra de uma prisão com os seus principais redatores.

Veja-se o que succedeu a esse moço intelijente que no brilhante semanario anarquista *Terra Livre* defendia a grandeza do seu ideal. Encerram-no num calabouço por materia inserta no seu jornal. Como se Portugal não tivesse uma lei que regula os atos da imprensa !

Mas não é só Pinto. Quartim. Do Limoeiro saem diariamente os gritos

das vitimas, a pedir que não querendo benevolencia, querem que justiça réta e imparcial lhes seja feita. Mas as suas queixas não encontram mais do que a repercursão do seu sentir no coração de todos os que sem paixões politicas sabem ver as coisas.

A maioria das classes trabalhadoras estão ao lado, uns do partido socialista e outros do sindicalismo, força a todos os titulos respeitabilissima.

Do que tem sido apodados toaos os seus gritos de protesto, escuso-me aqui falar.

Da opressão que lhe tem valido fazer converjir todas as atenções para as associações de classe, fala tambem o movimento de presos que ultimamente tem dado entrada nas cadeias do Estado, o encerramento da Casa Sindical, etc.

Recorre-se a todos os meios para inutilizar todos aqueles que querem que a Ideia não estacione cobardemente, mas sim que avance sobranceira e altaneirosa.

A monarquia era sustentada em Portugal pelo banditismo capitalista. O povo não podia estar de forma alguma a viver com ela senão com magua e tristeza. E caminhou para a Republica de braços abertos, no desejo de melhores dias onde a paga do esforço fosse compensada duma maneira a merecer louvores. Verteu-se sangue nas ruas de Lisboa. De quem era? Do povo que corria de todos os lados, sem se importar com as granadas da artilharia ou com as patas dos cavalos a tirar-lhes a vida, tão preciosa para aqueles que em casa, cheios de privações, ficaram a solicitar-lhe pão. E' nos lances dificeis, naqueles em que os despeitados do mando se querem lançar sobre a Republica que eles ajudaram a implantar, é o mesmo povo, a ralé, a escumalha da rua que ali está pronta para a sua defeza. Mas onde está a retribuição ? Os homens facciosos até ao extremo de nada se importam.

Apoquentam ao nosso pensamento a ideia de que em lugar de medidas de fomento que beneficiem a nosso vida economica, se trate de ninharias de que não vale a pena cuidar.

Os homens que tomaram a seu cargo o governo do país, tem de olhar mais cautelosamente para as necessidades do povo, porque o estado de excitação das multidões só nasce da sua vicissitude.

E nós, trabalhadores, temos que nos juntar para todas as afrontas que tentarem fazer-nos. Trabalhem com decidida vontade para o bem-estar social. Se todos, unidos, reclamarmos o que nos falta, os governos, temos disso a certeza, não-de, depois de ver o nosso quadrado cerrado, atender-nos. Para isso se fez a Republica e não para servir de pasto aos sequiosos de mando e aos tubarões que nos levam todo o produto de um trabalho insano.

Basta de inercia. Não olhemos a partidos ou grupos. A causa é só uma—a dos trabalhadores.

O antigo e conhecido socialista Luiz de Figueiredo escreveu, precisamente horas antes dos acontecimentos da madrugada de 20, no seu sempre interessante e bem feito jornal *O Trabalho*, de Setubal, o que se segue :

«Continuam dando entrada nas prisões varios sindicalistas. Porquê? *Nun xe xabe!* Tal como outrora. Agora seguiram de Santarem para Lisboa, por ordem do sr. ministro do interior, mais dois que são acusados de agitadores dos operarios rurais. Protestos para nada servem; posto que cada ministro sente-se um novo marquês de Pombal, julgando-se transportado á época em que aquele autentico mas brutal estadista operou. Somos insuspeitos, posto que o sindicalismo revolucionario, aliás anarquismo, não nos agrada. E' um enxerto que não pega em plantas lusas. Mas porque está preso Pinto Quartim? Porque se persegue a propaganda? Não resta duvida que é arbitrario e pouco

proprio das instituições republicanas. Mas se os mesmos sindicalistas vão gramando e calando, que se lhe ha de fazer? De resto era de esperar quanto se está passando, dado que a maluqueira nacional tem sido grande».

D' *A Construção*, periodico editado pelas Associações de Classe da Construção Civil da Rejião do Sul, recortamos os seguintes periodos do seu artigo subordinado aos titulos : *Perseguição á ideia—As cadeias regorjitam!*

«A monumental serie de perseguições movidas contra os operarios proselitos das ideias modernas, atirou para sob os ferros desta republica de Liberal Fraternidade, uma pleiade de vigorosos propagandistas da causa, nobre e justissima da emancipação humana.

Setenta trabalhadores sofrem no Limoeiro as agruras do carcere, pelo crime de vir dizer ao povo que chegará um dia em que todos os exploradores cairão por terra, da sua nefanda codicia; que cessará a infamia das tiranias, por ser abolido o mando, estintos os exercitos e derrocadas as prisões, e que deixaremos de presenciar o sinistro espetáculo, o horrivel contraste da mais sordida miseria a par da maior opolencia; e que temos, finalmente, o direito de ser eguais, sem que ninguem faça imperar sobre outrem a sua vontade.

Setenta trabalhadores... e isto apenas no Limoeiro! O que vae pelo Alemtejo então, as perseguições feroces desenvolvidas pelos até mais insignificantes serventuarios do prepotente magnate, assombram pela malvadez e perversidade dos seus autores.

Lá as cadeias regorjitam, enquanto as familias dos trabalhadores rurais, desgraçadas pela prisão dos chefes, apavoradas, veem apocimar-se, como negra nuvem anunciadora da procela, a miseria e os rigores da fome.

As mais desenfreadas perseguições postas em pratica em todos os concelhos do Alemtejo, atiraram para os carceres com trabalhadores cujo unico delito é pedirem pão.

E acaso esses trabalhadores do porvir que ambicionam a nova sociedade, que desejam a total emancipação dos preconceitos modernos, e que ardentemente pugnam pela libertação humana não são dignos irmãos a quem a familia operaria deve amor e solidariedade?

Indubitavel, evidentemente assim é. Para que proseguir, vendo, ouvindo e consentindo com o nosso silencio, a infame prepotencia que fere os trabalhadores encarcerados?

Como trabalhadores, como homens de coração não devemos deixar que com o nosso silencio se perpetuem as infamias; como trabalhadores, como homens de coração não podemos consentir que com o nosso silencio se prosiga atropelando a justiça, ferindo o direito, postergando as liberdades, esmagando até os mais elementares principios de humanidade.

Como associados, como trabalhadores, devem revoltar-nos as acintosas perseguições aos trabalhadores sindicalistas. Como homens de sentimento deve indignar-nos a teimosia estúpida dum despota que pretende, por um terror varzoviano, impedir a espanção duma ideia abraçada lá fóra pelos cientistas mais universalmente conhecidos e como tal reputados.»

O nosso querido colega portuense *A Aurora*, que consagra quasi todo o seu ultimo numero á opressão infame e injustificavel que se tem desencandeado neste país, escreve :

«As cadeias estão cheias de camaradas nossos. Póde mesmo dizer-se que nunca tantos trabalhadores foram presos por supostos delitos de

questões sociais. Só no Limoeiro encontram-se no atual momento *setenta* camaradas, compreendendo-se neste numero, além dos que os jornais ultimamente teem citado, as vinte vítimas de Aldegalega, tão barbaramente condenados, e Antonio Faria, aquele operario chegador que, perseguido atrozmente por um engenheiro da Companhia Nacional de Navegação, o matou no momento em que lhe acabara de asseverar que jamais deixaria de criar dificuldades á sua colocação na referida Companhia.

Tambem estão na mesma cadeia, ha quarenta e seis dias e sem culpa formado, os nossos camaradas Francisco Lopes de Sousa, José dos Reis Assunção, Francisco Antonio Amaro, José Luiz dos Reis, Joaquim Ribeiro, Pedro Vicente, Luiz Maria Godinho, Manoel Dimas da Silva, Joaquim Inacio Palma e Joaquim Valadão, os seis primeiros marítimos e soldados de Olhão, detidos a quando da recente greve daquela vila, e os restantes trabalhadores rurais do Alemtejo, capturados uns quando se encontravam nas respectivas associações, e outros quando seguiam para diversas povoações alentejanas.

Porem, a esta enorme lista ha ainda a acrescentar outros nomes, os dos rurais Caetano Raposo, Augusto do Carmo e Silva, e Manoel Ferreira Quartel, cujo delito é o mesmo — o de serem propagandistas do sindicalismo.

Ferreira Quartel, o incansavel organizador dos rurais de Coruche, depois de ter estado incomunicavel durante *vinte e oito dias*, num carcere de Santarem, veio para os infectos calabouços do governo civil, onde o tiveram por espaço de dezoito dias! Depois recambiaram-no para o Limoeiro e aqui aguarda, conjuntamente com os restantes camaradas que sua Onipotencia o *marechal de ferro*, o mande pôr em liberdade, visto que de acto não podem arranjar-lhe uma acusação concreta.

Vê-se que o governo, e especialmente o homem que a ele preside, está no firme proposito de fazer apoderar nas prisões os propagandistas sindicalistas, supondo que deste modo evitará que a ideia alastre.

Que esta infame perseguição dará resultados contraproducentes ha de provar-se-lhe.»

Movimento libertario

FRANÇA

União federativa de transformação social. — E' o título dum novo organismo de propaganda e de ação, destinado a agrupar os «intelectuais» e todos os elementos que ainda não podem syndicar-se e aderir á C. G. T., mas que desejam ajudá-la de fora e caminhar no mesmo sentido.

Num manifesto, os iniciadores (entre os quais está o nosso camarada C. A. Laisant, illustre professor e pedagogista e bem conhecido matemático) precisam o objéto e base de acôrdo da «União federativa». A nova organização, aspirando á abolição do salariato e do patronato, repele como meio de ação o parlamentarismo, funesto, corrupto e corruptor. Não dá crédito ás reformas sucessivas pela ação das leis burguesas nem á conquista dos poderes públicos. O manifesto faz ainda afirmações solidaristas, livre-federalistas, internacionalistas, antiguerreiras, antimilitaristas, etc., declarando, quanto ao recrutamento, preferir a qualidade ao numero, ao contrário do que fazem os políticos e deputados.

Congresso anarquista. — Cresce o entusiasmo entre os anarquistas pelo congresso que se reunirá de 15 a 17 de agosto, havendo já numerosas e importantes adesões.

Os relatórios já anunciados são: Militarismo, por Jean Grave; o Espirito de Revolta, por Pedro Martin; Os desvios, por M. Pierrrot; a Educação, por Leão Clément; o Antiparlamentarismo, por C.-A. Laisant; o Auxilio mútuo, por Leão Mussy; a Organização dos anarquistas baseada no Federa-

lismo reijonal, pela Federação Comunista Anarquista; o Sindicalismo, por Dumoulin; etc.

ITALIA

Solidariedade. — No sul da Italia, na Terra de Otranto, houve recentemente uma greve geral de protesto em favor do velho militante José Prampolini, secretário da Bolsa do Trabalho (ou Casa Sindical), preso por «delito» de imprensa. Ante a irritação popular, as «justiças» de Lecce despronunciaram-no.

NOVA ZELANDIA

Novo jornal. — Em Auckland (Nova Zelândia, Oceânia) começou a publicar-se o *Industrial Unionist*, o primeiro jornal sindicalista revolucionário daquela região. O seu programa é o dos *Industrial Workers of World*, dos Estados Unidos.

Enderço: *The Industrial Unionist*, 118-A, Victoria Street — West, Auckland; Nova Zelândia.

INGLATERRA

Contra a guerra. — No recente congresso internacional dos mineiros, reunido em Carlsbad (Alemanha), foi discutida a eventualidade dum guerra europeia, assim como os meios de a impedir.

Já o ano passado, em Amsterdão, fôra a questão debatida pelo anterior congresso, que aprovava uma moção em favor da arbitragem. Muitos, porém, pensavam num meio especificamente operário. A grande greve dos mineiros abriu novos horizontes, como, a propósito deste congresso, é notado pelo proprio *Times*, o grande jornal conservador, que acrescenta: «Hoje parecem possíveis coisas que, ainda há poucos anos, teriam sido denunciadas como onhos estravagantes».

Por isso foi um delegado inglês, Smillie, presidente da Federação britânica, que, recordando a resolução de Amsterdão, declarou ser hoje possível fazer outra coisa. Pôs em destaque que só os operarios teem o poder de impedir a guerra e que nenhuma classe está mais interessada do que a deles na manutenção da paz. Os mineiros, só por si, poderiam impedir qualquer guerra detendo a produção do carvão. Propôs a adção de meios práticos: conferência internacional logo que haja ameaça de conflito e, se necessario fôr, parajem completa do trabalho nas minas.

O delegado alemão, afirmando os sentimentos antiguerreiros do proletariado alemão, declarou, porém, não considerar económica e da competência do congresso aquela questão — apesar de envolver profundamente os interesses económicos dos trabalhadores e de só pelas organizações sindicais poder ser resolvida! Disse ainda que, na Alemanha, os sindicatos não teem o direito legal de se occupar dessa questão! Mas é claro que só o poderão ter... depois de o usar, como em todas as partes.

Revista dos jornais

Os republicanos e as bombas.

Do artigo editorial de *O Revolucionario*, semanario republicano de Lisboa, de 27 de julho:

«Olhemos, pois, os acontecimentos tais quais eles se nos apresentam e comecemos por protestar contra a estúpida, deshumana e selvagem maneira como no meio da rua se abandonam bombas explosivas, que vão causar a morte inconsciente e barbara a pequenos entes ignorantes do perigo de tais elementos de destruição.

A facilidade com que, entre nós, se manufacturam esses explosivos, é proveniente das explicações e das circunstanciadas notícias da imprensa sobre bombas a proposito da redentora revo-

lução d'Outubro, chegando até alguém que menos autoridade para isso tinha a prestar-se a tirar retratos publicados numa revista ilustrada de Lisboa, com permenores dispensaveis sobre fabrico desse elemento combativo de que é licito usar contra uma força regular e armada com armas de alcance e força fôra do vulgar.

E' a essa imprensa, a esses permeiros e a esses individuos que cabe a responsabilidade de tão vulgarizado meio de combate, muitas vèzes condenado, embora muitas se torne nobre e nobilite quem dêle parcimoniosamente uza.

Fazer estourar bombas sem que se declare a luta entre forças desiguais é, além de barbaridade e selvageria, cobardia excessiva e prova incontestavel de perversos e deshumanos instintos.

O que, porém, é certo é que esse movimento denota o mal estar de individuos, quer esse mal estar seja fundamentado, quer não.

Dá-se, no entanto, o caso d'esse mal estar provir do procedimento dos nossos governantes, que, desprezando os principios basicos da Republica e o seu programa fundamental, não teem feito a política que esses principios e esse programa exigem, calcando aos pés a liberdade de pensamento, com a censura e a apreensão constante, insistente, ultrajante e muitas vezes injustificada, de órgãosna imprensa, rasgando as leis estabelecidas no que diz respeito á liberdade individual com o encerramento, nas cadeias publicas, de individuos, contra os quais as autoridades competentes nada averiguaram de criminalidade, e escarrando sobre a moralidade da Republica a mais ignominiosa afronta, com a impunidade concedida a várias criaturas publicamente acusadas e sindicadas e que comissões, para isso nomeadas, julgaram réus de crimes puniveis disciplinar e judicialmente, como succedeu com o empregado do ministerio das colonias, que dá pelo nome de Domingos Euzebio da Fonseca.»

Como vive o povo

Eis como *O Socialista* descrevia ha dias a situação do operário português, após a proclamação da República:

«Os generos de primeira necessidade, carissimos e falsificados, vão de pauperando os organismos mais sádios e robustos, e a tuberculose avança cada vez mais, protegida pela miseria operária, pelos desmedidos impostos e pelas ambiciosas protecções a trusts e disfarçados monopolios.

O pão, o mais caro de todo o mundo, é carissimo tambem e ordinário, vendendo-se mal manufacturado, quasi crú por dentro e com uma apparencia finijda pelo exterior, escangalhando os estomagos a quem o consome pela dificuldade dijestiva que ocasiona.

As hortaliças e frutas, apezar de em parte serem abundantes, servem de exploração a uma horda de açambarcadores e intermediários que arrematam as espécies nas hortas e quintas e que depois vendem gradualmente, fazendo fome nos mercados, obrigando-as a preços elevados pela escassez e prejudicando com isso as classes miseraveis que não podem comprar ou gastar senão determinada conta diária para a sua alimentação.

Os ovos, o azeite e outros generos vendem-se pelo preço que o explorador quer, e teem de ser postos de parte por aqueles que tantas necessidades passam.

As casas, pelo preço fabuloso a que chegaram, tornam-se focos de doenças, vivendo duas e três familias promiscuamente, em quartos alugados, na sua maioria, sem ar, sem luz, sem hjiéne....»

A imprensa

O *Radical*, semario órgão do partido evolucionista em Leiria, publicou com este título a seguinte local:

«Não pode ser mais revoltante o que se está passando em Lisboa com a imprensa. As perseguições e as violencias, por parte do governo, continuam todos os dias, como se a pro-

pria Constituição da Republica não garantisse a liberdade de imprensa.

Se os jornaes ultrapassam, nas suas criticas, a linha que lhes é marcada pela lei — e só á lei dos cidadão devem obediencia — lá estão os tribunaes para os julgar. Ver-se a imprensa amordaçada ou sujeita aos caprichos do primeiro esbirro, ao arbitrio do primeiro analfabeto diplomado, por que os peores analfabetos são diplomados — não pode ser.

Na Hespana reaccionaria, na Hespanha realista, na propria Hespanha que fusilou Ferrer, publicam-se livremente jornaes republicanos, jornaes socialistas, jornaes syndicalistas e anarchistas.

Se transgridem as leis, vão para os tribunaes. Mas publicam-se com a maior liberdade. Circulam por toda a parte. Não estão sujeitos ás vexatorias perseguições a que os jornaes de Lisboa se vêem submettidos.

Em Lisboa já se não impede apenas de circular o jornal monarchico *O Dia*. A violencia já attinge o proprio *Intransigente*, o jornal de Machado Santos, o jornal d'aquelle revolucionario illustre que as primeiras Côrtes Constituintes da Republica entusiasticamente aclamaram benemerito da Patria.

Não pode ser. Assim como condenamos todos os attentados contra a ordem publica, tambem verberamos, com indignação todas as perseguições feitas.»

Os ultimos acontecimentos

Dum artigo do mesmo jornal firmado pelo seu director o deputado evolucionista sr. Ribeiro de Carvalho, antigo republicano:

«E quem eram os revoltosos? De monarchicos ninguem falla. A hypothese monarchica parece estar posta de lado. Os conspiradores de sabbado eram creaturas de ideias radicais e de ideias avançadas, combatendo sempre no campo jacobino.

Quer dizer: eram creaturas que ainda ha pouco applaudiam o sr. Affonso Costa, porque o actual chefe do governo, emquanto esteve na opposição, foi sempre o idolo de todos os radicais e de todos os avançados.

Os mais ferrenhos admiradores do sr. Affonso Costa é que surgiam em todos os tumultos. O pretendido golpe de Estado, do Porto, por exemplo, foi preparado por pessoas que lhe são affectas segundo se tem affirmado.»

Mas chegou o sr. Affonso Costa ao governo — e tudo mudou como que por encanto. A rua fugiu-lhe. Os mais exaltados abandonam-no. Os protestos erguem-se de todos os lados.

E o sr. Affonso Costa, longe de encerrar a situação com frieza, com serenidade, com ponderação, com aquella prudencia que é mãe da energia — preferiu atacar, preferiu ir elle de encontro á tempestade que se desenca-deava.

A conferencia na imprensa Nacional contra o Syndicalismo, foi tomada como sendo uma provocação.

E como depois vieram os rigores e as violencias escusadas — suspensão de jornaes, encerramento de associações, prisão de todos os propagandistas operarios mais em evidencia — declarou-se se o estado de guerra entre o sr. Affonso Costa e os elementos avançados.

Queixam-se esses elementos de que o governo tem nas cadeias dezenas e dezenas de operarios, sem accusação, sem culpa formada, sem pronuncia — o que é contra as leis da propria Republica. Irritam-se porque teem fechadas as suas associações. Indignam-se porque não podem publicar os seus jornaes.

Ora, nós gostaríamos de que o sr. Affonso Costa, em vez de perseguir e vexar, procurasse resolver este conflito com energia sim, mas tambem com bondade e com prudencia, porque as violencias só teem condão de gerar outras violencias.

Foi o que se deu no tempo da monarchia. Quanto mais accosados e perseguidos se viam, mais os republicanos redobravam de furor revolucionario. E a historia é de hontem ainda.

Iniciativas da «Terra Livre»

Bibliografia anarquista portuguesa

Livros e folhetos originais ou traduções; jornais, revistas e manifestos publicados livre ou clandestinamente; bilhetes postais, estampas, desenhos, hinos e canções, cartazes, programas, reclames, tudo se aceita por emprestimo e se agradece.

**Apelo aos camaradas
para que cooperem
nesta iniciativa**

De todos os camaradas de Portugal e Brasil e de todos que possuam elementos interessantes que possam figurar nesta exposição, esperamos que cooperem nesta nossa iniciativa.

Tudo quanto a este assunto se refira, derijir a Afonso Manaças — Rua das Gaveas, 55, 1.º — Lisboa.

Vezeas várias temos aqui mostrado as vantagens e a importância que para as ideias anarquistas devem advir da exposição de todas as publicações anarquistas até hoje editadas em português, que *A Terra Livre* tomou a iniciativa de promover. O seu propósito é reunir todas as publicações libertárias editadas em português, algumas d'elas completamente desconhecidas, outras esquecidas, que se encontram dispersas nas mãos de várias e ignoradas pessoas, tais como livros e folhetos originais ou traduções; jornais, revistas e manifestos publicados livre ou clandestinamente; bilhetes postais, estampas e desenhos; livros, canções, cartazes, programas e reclames.

As suas vantagens são múltiplas e bastará enumerar as seguintes para se avaliar da sua utilidade: ela mostrará que a propaganda anarquista em Portugal não é de ha dois dias mas de ha uma trintena d'anos e provará o esforço, o estudo, o trabalho e o proselitismo dos anarquistas portugueses.

Proporcionará aos velhos um momento de agradável prazer recordando o seu passado de luta e o trabalho para que contribuíram com a sua parcela do esforço intelectual ou material, constatando ao mesmo tempo que não foi em terra arida e esteril que lançaram a semente das suas ideias generosas e libertadoras. Aos novos lutadores fornecerá preciosos elementos de estudo e servir-lhes-á de estímulo á propaganda e aos que desejem conhecer as doutrinas que apostolizámos e servirá de indicação das obras que lhes proporcionará esse conhecimento.

Prestar-se-á, admiravelmente, a facultar, a quem se propozer empreender um trabalho de tão grande interesse e valia como o da resenha historica do movimento anarquista em Portugal, os subsídios indispensaveis para levar a cabo tão util trabalho. Servirá ainda para dar a conhecer a evolução por que passou a ideia anarquista entre nós, as diversas correntes que se fizeram sentir e, permitindo uma revisão das nossas ideias, poderá esclarecer a origem de confusões e de deturpações que surtiram e que se mantem hoje ainda.

Resumindo: a exposição bibliografica anarquista portuguesa será uma manifestação de vitalidade e esforço dos anarquistas e um elemento preciosissimo de estudo.

Isto mesmo parece terem compreendido todos os camaradas a avaliar pelo interesse que a nossa iniciativa despertou no nosso meio libertario. Mas, — é preciso dizer-se — o apoio moral que a nossa iniciativa mereceu de todos os camaradas não correspondeu ao apoio material dado pelos mesmos, isto é, á quantidade de publicações recebidas até agora. E' porque não tenham que nos enviar? Não é. E' porque esperam que outros remetam publicações que eles possuem, evitando assim o incomodo de as enviar e de ficarem privados temporariamente da sua posse.

E' pecha nossa reservarmos para o fim em todas as coisas.

Maldito costume esse, ridiculo habito, estreita concção essa, que faz com que todas as nossas melhores iniciativas sossobrem, que as mais felizes ideias abortem, que os mais risonhos planos falhem!

E' é assim sempre. Apresenta-se uma ideia. Todos a acham excelente mas impraticavel. Os que a apresentaram, porém, dotados duma qualidade tão rara entre nós — a força de vontade — tentam, não obstante, pô-la em pratica.

Poucos são os que acodem prontamente ao chamamento. Os outros reservam-se para os ultimos, e aguardam a realização da ideia que, por falta do auxilio que esses lhe negaram, nasce enfezada, raquitica, não correspondendo aos desejos dos que a espozeram, e... morre. E logo os que se reservaram para os ultimos, esfregam as mãos e exclamam com ar victorioso, de homens sensatos, praticos, que prevêm as coisas: — «Nós bem diziamos que era uma utopia!»

Ora é preciso combatermos esse nosso defeito, reagir contra este habito, se queremos realmente assistir ao rejuvenescimento e desenvolvimento das nossas ideias. E no caso particular de que nos ocupamos, é preciso não se sêr tão ciioso do que é nosso quando isso que é nosso pode ser util a todos.

E' preciso penitenciar-mo-nos desse defeito de aguardar que os outros façam primeiro para que procedâmos tambem.

Demais, sabem-no os camaradas, as publicações que nos enviarem ser-lhes-ão restituídas no fim da exposição.

Pela sua conservação e devolução se responsabilisa a *Terra Livre* e' em especial o nosso amigo Afonso Manaças, cujo carater é penhor bem seguro. Ele não quererá comprometer o seu nome e a sua reputação com a apropriação de livros ou quaisquer outras publicações que lhe não pertençam.

De todas as publicações recebidas para figurar na exposição, *Terra Livre* tem acusado e continuará acusando a recção nas suas colunas, e se qualquer omissão involuntaria por ventura se der, os remetentes que reclamem imediatamente porque com isso muito nos obsequiem.

Esperamos, pois, que os camaradas e todos aqueles que possuam elementos dignos de figurar nesta exposição, não se reservem para a ultima hora, antes, se apressem a enviarnos o que possuam — moderno ou antigo — podendo, para evitar repetições escusadas, confrontar o que teem com o que já possuímos e que tem sido publicado no nosso semanario. Nesse confronto deverão ter em consideração a data da edição pois que na exposição deverão figurar todas as edições de uma mesma obra.

Os camaradas que desejarem vender alguma das publicações que nos enviarem, deverão mandar-nos dizer o preço ficso da sua venda.

Na exposição e durante os dias que ela se conservar aberta, será vendido um catalogo profusamente ilustrado, inserindó a relação de todas as publicações espostas com a indicação do autor, ano, tipografia, editor, formato, e n.º de paginas; sumario de cada um dos n.ºs dos jornais, resumo da doutrina dos folhetos e livros. E dos exemplares dos jornais e manifestos mais raros serão tiradas reproduções fotograficas e estampadas no catalogo em fotografuras.

A ideia da realização duma exposição da bibliografia anarquista portuguesa, é excelente.

Assim a consideram todos os camaradas. Se ela não corresponder ao nosso desejo, á nossa expectativa, a culpa deve ser tomada aqueles que, podendo concorrer para o bom ezito, o não fizeram por preguiça ou incuria — o que é muito lamentavel; ou por desconfiança e demasiada ciosidade pelo que é seu — o que bem pouco os abonará como anarquistas.

Como progredimos

Na Espanha inquisitorial — Pérez del Álamo, figura conhecida da Revolução de Setembro, chefe dos revolucionários de Málaga, é condenado á morte, aí por 1870 e tantos. Tendo, porém, conseguido escapár, refugia-se em Madrid e vai pedir azilo ao próprio ministro, marquês de la Vega de Armijo. O ministro acolhe-o e oculta-o, até ele se poder pôr a salvo.

Quando, em setembro de 1911, se anuncia uma greve geral em toda a Espanha, o governo manda efétuar prízões em massa. Anselmo Lorenzo escreve a Moret perguntando se tambem estava ameaçado de prízão. Moret vizita o chefe de policia e, obtida a informação, escreve a A. Lorenzo que se oculte.

O mais conservador dos conservadores, Martinez Campos, disse em pleno senado que o papel de bufo e de policia é o mais degradante que se póde ezercer.

No Portugal «democrático» — *O Mundo*, órgão «radical», em vez de a publicar ou rasgar, entrega á policia imediatamente uma carta que lhe é enviada por *Terra Livre*. A carta não é um documento comprometedor; mas o que importa é o gesto, é a intenção.

Ponto escrito a calhar

Na *Volontá* de Ancona, na sua secção equivalente a esta, Garavani dá-nos esta nota:

Lulu e Gigetta são duas alunas de terceira classe elemental. Lulu, filha de «honestos» pais, donos de casa e usurarios nas horas vagas, obteve passajem para a 4.ª; Gigetta, a mais velha dos quatro filhos duma pobre viuva que trabalhava aos dias pelas casas, ha três anos que repete, e nem desta vez conseguiu arrancar o pedaço de papel exijido pelo civilissima lei da instrução obrigatoria.

Como! Ah! que burrinha preguiçosa! Devagar: Gigetta não é Lulu; é ela que, na quase continua ausencia da mãe, tem que cozer as batatas de cada dia, dar umas palmadas nos dois grandes sacos onde dormem todos cinco e limpar a caca aos dois mais pequenos. (O rapazito maior — 6 anos — vai por sua conta jogar a pedrada para a rua). Como pode a... feliz raparigueta ter vontade e tempo para estudar e fazer os ezercícios?

E' verdade que o ponto escrito de composição era facilimo: «Escreva a uma amiga sua convidando-a a vir passar alguns dias das férias grandes na sua vila da praia.»

Venda de livros

A administração do jornal *Terra Livre* satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estrangeiros que venham acompanhados da importancia correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.